

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*

WINCH, R. R.¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria – RS – Brasil. E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar na *Superinteressante*, revista da editora Abril, a construção de sentidos sobre as mudanças climáticas. Para tanto, utiliza-se contributos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa a fim de analisar reportagens publicadas em anos diferentes. Através de dez famílias parafrásticas, destacam-se marcas discursivas que mostram a reiteração de distintos sentidos sobre as alterações no clima. Na presente investigação, entre outros aspectos, percebeu-se que o discurso da revista trabalha com a memorização de eventos catastróficos e com previsões apocalípticas sobre o futuro, assim como evidencia as discordâncias e dúvidas do campo científico sobre o fenômeno.

Palavras-chave: Mudanças climáticas; Análise de discurso; Jornalismo de revista.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as mudanças climáticas foram apresentadas pela revista *Superinteressante* a partir de inúmeros enfoques. Sobretudo a partir dos anos 1990, em sintonia com as pesquisas científicas e com os eventos climáticos, a publicação passou a dar mais ênfase para esse macrotema. O significado dessa complexa questão é socialmente construído não apenas pelas manifestações físicas do fenômeno, mas ainda por diferentes tipos de discursos (CARVALHO, 2011). As alterações no clima são uma problemática pública multidimensional, visto que englobam variados campos sociais, como o ambiental, científico, político, econômico e cultural.

Neste estudo, buscou-se refletir sobre como a já referida revista inscreveu discursivamente essa temática em reportagens de anos distintos. Para isso, procurou-se embasamento nas contribuições da Análise de Discurso francesa (AD). O objetivo principal, portanto, é identificar o movimento de construção de sentidos sobre as mudanças climáticas no discurso da *Superinteressante*. Antes disso, problematizam-se algumas questões referentes à cobertura do fenômeno e também sobre a AD e o jornalismo.

2 METODOLOGIA

Os contributos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, tradicionalmente chamada de “linha Francesa” podem ser produtivos para estudos em jornalismo, pois permitem que as notícias, reportagens e demais fragmentos textuais sejam compreendidas como materialidades atravessadas por (inter)

discursos. Por meio dessa perspectiva, também é possível entender que os sentidos não estão aprisionados nos textos. Ao contrário, são construídos nas relações – também imaginárias – entre quem escreve e quem lê.

Em análises com a perspectiva da AD é fundamental reconhecer as condições de produção nas quais o discurso surge. Ou seja, é preciso compreender o contexto sócio-histórico em que estão inseridos os nossos objetos de investigação, assim como as interpelações da ideologia e do inconsciente que afetam os sujeitos inscritos nos processos discursivos observados. O suporte em que os discursos são materializados também precisa ser considerado, visto que os sentidos são construídos não apenas conforme as circunstâncias discursivas, mas ainda situacionais (CHARAUDEAU, 2006).

O objeto empírico deste estudo, a *Superinteressante*, é conformado por suas diversas especificidades que o tornam singular. Enquanto revista, possui marcas bem delimitadas, orientadas tanto por uma periodicidade particular quanto por uma “condição material e discursiva específica, que dialoga com o contexto do qual ela é parte constituinte” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.27).

Esta pesquisa busca mapear os sentidos sobre as mudanças climáticas em diferentes edições de *Superinteressante*. Para tanto, emprega a noção de paráfrase, isto é, aquilo que se repete ao longo dos enunciados. Trata-se do processo parafrástico, que permite a produção do sentido através de diferentes formas (ORLANDI, 1993). A paráfrase, portanto, sustenta um saber discursivo por meio da repetição e têm a função de estabilizar os sentidos, ao contrário da polissemia, associada à ruptura e ao deslocamento.

Com base na leitura de sete reportagens de *Superinteressante* que abordaram as alterações climáticas a partir de diferentes contextos e angulações, foram delimitadas dez famílias parafrásticas, ou seja, enunciados que sintetizam determinada construção de sentidos. Antes disso, porém, evidenciam-se na tabela abaixo as matérias em que foram extraídas as sequências discursivas para a análise. Acredita-se ser importante destacá-las, visto que o trabalho também visa observar como o discurso da revista abordou o fenômeno em edições de anos distintos.

Título	Ano da edição
Clima – o que a ciência sabe (e o que a ciência não sabe)	Junho de 1995
Os mares estão chegando	Janeiro de 1998
Vamos todos morrer	Novembro de 2000
O começo do fim	Outubro de 2005
O vilão virou herói	Julho de 2007
O pior que pode acontecer	Abril de 2011
Clima extremo	Março de 2014

Figura 1: reportagens analisadas

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, as famílias parafrásticas (FP's) e os sentidos que elas reiteram são brevemente apresentados. Ressalta-se que há sobreposições e atravessamentos entre elas e que as suas definições estão intimamente relacionadas com o recorte de *corpus* realizado. A partir do movimento metodológico, 110 sequências discursivas (SDs) foram mapeadas nas sete reportagens. No presente trabalho, contudo, exemplificam-se apenas as sequências mais representativas (uma por FP).

A primeira família parafrástica (“FP1 – *Desacordo entre os cientistas*”) apresenta reiterações de sentidos relacionados à discordância de opinião entre especialistas no clima.

O problema é que **os cientistas não concordam** quanto à relação exata entre a ação humana e a elevação dos termômetros. (SD1) (Junho de 1995)

A segunda família parafrástica (“FP2 - *Incertezas do campo científico*”) refere-se à imprecisão do campo científico sobre várias questões do clima, como por exemplo, a subida dos mares e a relação entre as mudanças no ciclo da atividade solar com o aumento da temperatura global.

O resultado disso é que, apesar de os cientistas saberem que o planeta está esquentando, **ninguém pode determinar ao certo** qual porcentagem desse aquecimento é culpa nossa. (Outubro de 2005)

A terceira família parafrástica (“FP3 – *Prejuízos e impactos na economia*”) reitera sentidos sobre o impacto econômico dos eventos climáticos, associando a instabilidade do clima, sobretudo os acontecimentos catastróficos, com os prejuízos financeiros (públicos e também privados).

Com isso, **os prejuízos com desastres naturais ao redor do mundo têm aumentado**. Segundo a ONU, **eles foram de 55 bilhões** em 2002. Em 2003, o número subiu para **60 bilhões**. (Outubro de 2005)

Por sua vez, a quarta família parafrástica (“FP4 – *Fatos concretos como provas*”) busca reiterar sentidos sobre algumas consequências históricas das mudanças climáticas, isto é, os episódios concretos que aconteceram nas últimas décadas.

Não é impressão sua: está piorando. A última década concentrou 50 das 180 maiores enchentes dos últimos 100 anos. Apesar de ter menos grife que outros desastres, as enchentes matam muito. (Outubro de 2011)

Já a quinta família parafrástica (“FP5 – *O futuro pode ser ainda pior*”) apresenta sentidos referentes às possíveis futuras consequências do aquecimento global.

Espera-se que o aquecimento derreta metade das massas de gelo em montanhas até 2100, o que elevará o nível de rios e inundará muitas regiões. (Novembro de 2000)

A sexta família parafrástica (“FP6 – *Criticando as visões exageradas*”) abarca reiterações de sentidos que apontam para o exagero de algumas percepções sobre questões do clima. Tal FP foi identificada somente nas reportagens da década de 1990.

Com a habitual **dose de exagero empregada no cinema catástrofe**, Hollywood inventou uma paisagem apocalíptica para retratar a subida dos mares. (Janeiro de 1998)

Na sétima família parafrástica (“FP7 – *Explicando os fenômenos*”), observa-se a construção de sentidos relacionados à elucidação das causas de distintos eventos climáticos, além dos próprios fatores que ocasionam o aquecimento global.

Embora o fenômeno ainda não seja bem compreendido, tudo indica que **o calor é consequência do efeito estufa, o abafamento causado pelo acúmulo de gases poluentes na atmosfera**. (Novembro de 2000)

A partir da oitava família parafrástica (“FP8 – *Ação humana como causa*”), identificou-se sentidos que relacionam os fatores antropogênicos às alterações no clima. Ou seja, aqui a revista evidencia que o desequilíbrio climático não se deve apenas às causas naturais.

Pela primeira vez, foi provado que os gases do efeito estufa provocam o aumento da chuva. **Ou seja, não só está piorando como é culpa nossa**. (Abril de 2011)

Com a nona família parafrástica mapeada (“FP9 – *As tecnologias podem salvar*”), verificou-se como o discurso de *Superinteressante* constrói sentidos sobre a relação das invenções tecnológicas com a amenização ou solução dos fenômenos climáticos.

É possível que **muitos riscos para a humanidade sejam resolvidos pelas novas tecnologias**. (Novembro de 2000)

A décima e última família parafrástica (FD10 – “*Criticando o ceticismo*”) trata de reiterações de sentidos em que a revista questiona e critica as perspectivas céticas acerca das mudanças climáticas.

Existe nos EUA um verdadeiro exército disposto a **desfazer qualquer relação entre a ação humana e os efeitos destrutivos do aquecimento global**. (Outubro de 2005)

4 CONCLUSÃO

O movimento teórico-metodológico realizado a partir desse trabalho apontou alguns aspectos recorrentes na cobertura jornalística sobre as mudanças climáticas pela *Superinteressante*. Por meio das contribuições da Análise de Discurso, algumas reportagens de anos distintos foram analisadas e os sentidos sobre o fenômeno em questão foram destacados.

A partir do recorte de *corpus*, identificou-se que a construção discursiva sobre as alterações no clima ocorreu de forma particular em cada matéria. A cobertura das edições mais antigas enfocaram certos elementos que não foram verificados nos exemplares mais recentes, como o exagero das percepções sobre a instabilidade climática (FP6). Ou seja, na década de 1990, a veracidade e intensidade do fenômeno era algo questionado pelo próprio discurso da publicação.

Porém, através das famílias parafrásticas, observou-se que alguns sentidos foram mobilizados em quase todas as reportagens. Isso foi perceptível, por exemplo, na associação que a revista fez entre as consequências do fenômeno com prejuízos de ordem econômica (FP3). Também verificou-se que os sentidos foram construídos a partir da memorização de catástrofes já ocorridas (FP4) e com base em previsões científicas apocalípticas sobre o clima (FP5).

Este primeiro olhar sobre o objeto empírico possibilita afirmar ainda que a revista, de uma forma geral, apresentou o ser humano como vítima do poder destruidor do meio ambiente, na medida em que raras vezes relacionou os fatores antropogênicos com os efeitos dos eventos climáticos (FP8). Por seu turno, as divergências entre os cientistas (FP1) e as dúvidas do próprio campo científico (FP2) foram trabalhadas de forma mais sistemática e contínua por *Superinteressante*.

Ressalta-se que a pesquisa se encontra em estágio inicial e que outras famílias parafrásticas poderão ser identificadas por meio de um *corpus* mais significativo. Neste trabalho, o objetivo centrou-se especialmente no mapeamento dos sentidos sobre as mudanças climáticas, sem uma problematização aprofundada do discurso da revista com uma bibliografia adequada. Esse movimento ocorrerá posteriormente, no tensionamento das reiterações de sentidos com determinadas formações discursivas e ideológicas, estas sempre anteriores e exteriores ao objeto pesquisado.

5 REFERÊNCIAS

CARVALHO, Anabela. (org). *As alterações climáticas, os media e os cidadãos*. Coimbra: Gracio Editor, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. *O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso*. *Voices & Diálogo*. Itajaí, v. 13, n. 01, jan/jun, 2014.